

Histórias do futebol brasileiro: obituários como fonte de pesquisa

Janice Zarpellon Mazo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, E-mail:

janice.mazo@ufrgs.br

Resumo

A história do futebol brasileiro pode ser interpretada por meio de diversas fontes de pesquisa. Os obituários se constituem enquanto uma fonte relevante à pesquisa sobre futebol, uma vez que registram reminiscências da vida de uma pessoa, incluindo experiências esportivas. O estudo objetiva evidenciar as representações acerca do futebol nos obituários do jornal Zero Hora, procedendo a análise documental do banco de dados organizado pela pesquisadora há mais de 20 anos.

Palavras-chave: Futebol, História do Esporte, Memória, Torcida.

Introdução

As pesquisas sobre a História do Futebol no Brasil utilizam frequentemente como fonte de consulta reportagens de jornais. Na investigação dos jornais, os(as) pesquisadores(as) raramente cogitam a possibilidade de descobrir indícios na seção/página dos obituários/anúncios fúnebres e religiosos. Phillips, O'Neill, Osmond (2010) aludem a necessidade de expandir os horizontes da História do Esporte ampliando as fontes de pesquisa, com a inclusão da cultura visual e material. Pondera-se que o acesso aos obituários pode contribuir para ampliar a construção de conhecimento histórico em âmbito local, regional e até mesmo nacional, uma vez que as informações se constituem em novas fontes históricas.

A utilização dos obituários/anúncios fúnebres e religiosos como fontes para investigações sobre o futebol está ancorada nos pressupostos teóricos de Pierre Nora (2012), o qual permite vislumbrar tal espaço no jornal como um “lugar de memória”. Nos apontamentos dos obituários sobre os principais acontecimentos da existência da pessoa, identificou-se informações sobre o lugar ocupado pelo futebol na sua vida. Contudo, o lugar de memória do futebol é apresentado na perspectiva daquele que produziu o texto, geralmente um familiar. Independente disso, se configura como uma fonte histórica de pesquisa sobre vivências no campo do esporte.

Conforme Marocco (2013, p. 373), “nos fragmentos que compõem um obituário, a morte ganha sobrevida discursiva”. Nos obituários consta “a história das pessoas que, aparentemente apenas levaram vidas sem grandes feitos” (Marocco, 2013, p. 374). Registram tanto a memória de

personas integrantes de uma elite política e econômica, como também, de pessoas que não foram destaque nas páginas da imprensa em vida, mas marcaram presença no seu ambiente social.

A jornalista Margalit Fox, que durante 14 anos escreveu no *New York Times* cerca de 1.400 obituários de pessoas anônimas e famosas comentou: “Os famosos não surpreendem. A empolgação ao escrever um obituário vem das pessoas que você nunca ouviu falar, mas que silenciosamente fizeram uma ruga no tecido social e assim construíram nossa história” (Festival piauí GNews@festpiauiignews, 2 de dez de 2018). Inclusive, a jornalista começou a escrever obituários de pessoas que não tinham morrido: “Meu primeiro obituário por antecedência eu escrevi em 1995, de um acadêmico que, aliás, ainda hoje [2018] está vivo.” Este formato de obituário não é o mesmo adotado pelo jornal Zero Hora, acessado para fins desta pesquisa, uma vez que registra reminiscências da vida de uma pessoa, e o fazem de uma perspectiva diferente: “o elogio à vida a partir do seu final” (Martins, 17/09/2012, p. 14). Ao ler sobre pessoas desconhecidas e os vínculos que construíram com o esporte, os mortos ganham vida por meio do registro de suas memórias. E, de tal modo, percebemos que fizeram parte da história, mas estão silenciados.

O banco de dados do Obituário Esporte contribui para a preservação da memória e atenua a amnésia esportiva no país. O obituário deixou um rastro da pessoa e tal indício nos induz a buscar outros, reavivando registros de uma vida. Se por um lado, a notícia sobre o falecimento de uma pessoa gera sentimento de perda da possibilidade de obter depoimento oral e outros documentos, por outro ao identificarmos o anúncio da morte no obituário, aquela pessoa passa a ter uma “existência” por meio das memórias no campo esportivo.

Ainda, justifica-se esta investigação tendo em vista que o acesso a fontes históricas sobre o campo esportivo e em particular sobre o futebol, no Brasil é uma tarefa um tanto exaustiva. Mesmo que, no cenário nacional, locais de salvaguarda da memória como museus e acervos sobre o futebol tenham prerrogativas em relação a outros esportes. Cabe lembrar que parte da documentação histórica sobre o campo esportivo foi destruída e extraviada e, além disso, enfrenta-se até os dias atuais dificuldades com relação a implementação de ações direcionadas a preservação das memórias do esporte no país.

Estratégias metodológicas

A leitura assídua dos Obituários do jornal Zero Hora sucede desde o ano 2000, em busca de informações para a tese doutorado, mas, antes disso, já inventariava reportagens que abordavam assuntos sobre o esporte e a Educação Física, dissecando da primeira à última página do jornal em formato impresso. Com o passar do tempo, a página dos obituários se

tornou a primeira parte consultada do jornal e se tivesse informação relacionada ao esporte era catalogada. Após alguns anos acumulando muitas páginas impressas do jornal Zero Hora, tratamos de organizar um banco de dados, denominado Obituários Esporte, visando a produção de pesquisas, o qual é mantido até os dias atuais.

Para fins deste estudo, as informações selecionadas dos obituários foram delimitadas demarcam desde o ano de 2002, recorte inicial do estudo, até o ano de 2014, estabelecido como recorte final, na medida em que os ambos contemplam edições de Copa do Mundo de Futebol. Na leitura dos obituários procurava-se achados que mencionasse vivências no/com o esporte, seja em momentos vividos no clube, na escola, na praça, no parque, na residência, na rua, dentre outros lugares. Ao identificar indícios de lembranças “esportivas” que imprimiram marcas na vida da pessoa, a página impressa do jornal era destacada e arquivada. Posteriormente, as informações eram digitalizadas em uma planilha construída pela pesquisadora, que continha os seguintes itens: 1) Nome completo; 2) Apelido; 3) Profissão (encargos e funções); 4) Esporte 1 (primeiro prática citada); 5) Esporte 2 (segunda prática citada); 6) Data de Nascimento; 7) Data da Morte; 8) Causa da Morte; 9) Cidade da Morte; 10) Cidade de Nascimento; 11) Cidades onde Residiu; 12) Nomes de Familiares; 13) Observações (dados que não são citados nos demais itens); 13) Referência (edição/página do jornal). No caso de a informação não constar no obituário utiliza-se a sigla NCI (Não Consta Informação). Na sequência, procedemos à análise documental, tratando de indagar as informações inventariadas, a fim de relacioná-las com contextos históricos para, posteriormente, cruzá-las entre si em busca de evidências. No tópico que segue apresentamos os resultados da interpretação das informações dos obituários acerca do futebol.

Desenterrando os obituários: narrativas do futebol no pós-morte

A análise dos obituários no período demarcado mostrou que todos os nomes relacionados ao futebol são de homens, sugerindo que mulheres não praticavam futebol já que não estão presentes nos obituários. Embora os nomes citados constassem de forma completa, notou-se a ocorrência de muito apelidos curiosos como: bandido, tatu, papagaio, xerife. Outros codinomes remetem a um dos sobrenomes da pessoa e, talvez, a cidade de origem. As cidades de nascimento e morte são variadas, mas com relação à cidade onde morreu notou-se forte ocorrência de Porto Alegre. As causas das mortes são distintas, mas problemas cardíacos como justificativa para tal aparecem com certa frequência.

Os homens selecionados para fins deste estudo apresentavam idade acima de 80 anos, na data de sua morte, tendo como anos de nascimento 1920 e 1930. No que diz respeito às ocupações,

observou-se que são citadas mais de uma e, geralmente, a profissão está em primeiro lugar, por exemplo, advogado e depois jogador de futebol, sugerindo uma segunda função. Dentre as profissões relaciona-se ainda, médico, pecuarista, comerciante, político, químico e empresários. Já no âmbito do futebol as posições citadas são: goleiro, massagista, dirigente esportivo, dirigente de clube, atleta amador, conselheiro esportivo, centroavante, ex-zagueiro, torcedor. Para além do futebol, no que concerne aos outros esportes citados constam: remo, natação, tênis, bolão, bocha, pesca e caça. O remo é uma das práticas pioneiras em associações esportivas no estado do Rio Grande do Sul, sendo desenvolvido nas cidades de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, no século XIX, antes mesmo da chegada do futebol (Mazo, 2003). A prática da natação em Porto Alegre era realizada no Rio Guaíba, em uma piscina denominada Basenho, que pertencia a *Turnebund* (atual SOGIPA). As aulas de natação eram oferecidas para crianças, jovens e adultos (homens e mulheres), sendo as turmas organizadas conforme a faixa etária. Estas práticas esportivas, assim como o tênis e bolão são modalidades identificadas com as associações esportivas “alemãs” em Porto Alegre diferentemente da bocha que é identificada com os imigrantes “italianos”.

Considerações Finais

Trata-se de informar que a presente investigação cuja questão central discorre sobre as narrativas sobre futebol, que ao serem difundidas pelos obituários de um jornal da cidade de Porto Alegre/RS possuem um caráter potencialmente exploratório. A incidência dos esportes difundidas pelos obituários do jornal já foi averiguada e prosseguimos na verificação de informações sobre futebol. Alguns resultados preliminares apontam que as lembranças sobre o futebol, que marcaram a vida do indivíduo pós-morte, se referem a prática do esporte, fosse atuando como atleta/jogador, bem como quanto a sua identificação como torcedor de algum time ou clube de futebol.

Os obituários valorizam tanto a memória de pessoas integrantes de uma elite política e econômica, como também, registram fragmentos de memória de pessoas que não tiveram o mesmo realce na sociedade. Um exemplo é o caso de um torcedor, que pode ser considerado uma pessoa comum, afinal não possui o reconhecimento social do atleta/jogador. Todavia, a identificação de torcedores por meio do obituário pode subsidiar, por exemplo, os estudos no âmbito da historiografia do torcer. Afinal, nos obituários é plausível encontrar informações, que talvez não estejam registradas nas demais fontes, pois eram conhecidas apenas pelos familiares. A despeito das limitações do presente estudo, talvez decorrentes de ser a primeira iniciativa na área da Educação Física e da História do Esporte no Brasil a utilizar os obituários como fonte

de pesquisa, ponderamos sobre a possibilidade de mais investigações experimentando formas de se trabalhar com as informações pós-morte no esporte.

Referências

Festival Piauí de Jornalismo. (2018). As 1.400 vidas da obituarista Margalit Fox e outras histórias: veja como foi o 2º dia do evento. Recuperado 2 dezembro, 2018, de <https://piaui.folha.uol.com.br/acompanhe-o-segundo-dia-do-festival-piaui-globonews-de-jornalismo/>

Marocco, B. (2013). Fragmentos de vidas exemplares. *Revista FAMECOS*, 20(2), 372–389. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2013.2.12106>

Martins, T. (2012, Setembro 17). Obituários do New York Times. *Zero Hora*, p. 14.

Nora, P., & Aun Houry, T. Y. (2012). ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. *Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 10. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>

Phillips, M., O'Neill, M., & Osmond, G. (2010). EXPANDINDO HORIZONTES NA HISTÓRIA DO ESPORTE: FILMES, FOTOGRAFIAS E MONUMENTOS. *Recorde: Revista de História do Esporte*, 3(2). Recuperado de <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/734/677>